

Irmãos João e Chico Faria levam show ao Rival

PÁGINA 3



Wesley Snipes faz ponta como Blade em longa

PÁGINA 4



Texto de Strindberg é adaptado aos dias de hoje

PÁGINA 6



2º CADERNO

A quase ficção de Rita Lee

“O Mito do Mito” tem três personagens, dois deles reais, Rita e sua irmã, Vivian. Mas a trama insere as duas numa madrugada delirante na qual o terceiro personagem é misterioso e certamente fictício, embora talvez recheado de características de pessoas que cruzaram a vida da autora.

Rita Lee começou a criar o romance em 2005 e o reescreveu algumas vezes até a conclusão, em 2019. Mostrou o resultado ao jornalista e editor Guilherme Samora, seu amigo e escudeiro na publicação das

Livro póstumo da nossa Rainha do Rock discute o que é ser fã entre o deboche e o coração de mãe

Por **Thales de Menezes** (Folhapress)

Chega às livrarias nesta semana o atraente “O Mito do Mito”, lançamento da Globo Livros. Duas curtas palavras na capa certamente vão levar a obra à lista dos mais vendidos - “Rita” e “Lee”. A rainha do rock brasileiro se tornou best-seller em 2016, quando lançou “Rita Lee: Uma Autobiografia”, relato franco e divertido de uma vida de música, ativismo político, veganismo, consumo de drogas e formação de uma família feliz.

Quando morreu de câncer, em maio do ano passado, seu livro de memórias foi novamente ao topo das vendas, e isso foi seguido por mais um volume, “Rita Lee: Outra Autobiografia”, dedicado ao tratamento do tumor no pulmão diagnosticado em 2021. Saiu duas semanas após sua morte.

Agora Rita Lee tem outra publicação póstuma, e é uma obra de ficção. Ou quase isso.



Reprodução Instagram

duas autobiografias, alguém que ela define como o “guardião do meu legado”.

Ela deixou o livro pronto, em todos os detalhes. Escolheu a foto de capa e trabalhou nos aspectos gráficos, inclusive as bordas das páginas pintadas de preto e a inserção de um capítulo apêndice que está publicado no final do livro com as páginas de cabeça para baixo.

Rita determinou a Samora que o livro só poderia ser publicado depois de sua morte. “Não quero ninguém me perguntando de meras coincidências com fatos ou pessoas reais. Escritora-mistério!”

Seu viúvo, Roberto de Carvalho, teve o livro guardado por anos em seu computador, sem saber. Ela tinha o hábito de passar ao marido alguns arquivos de texto que ele guardava como se fosse um backup, sem ler o que havia ali.

Atendendo à vontade de Rita, uma decisão conjunta de Samora, Carvalho e da Globo Livros determina que nenhum deles dará entrevista sobre a obra. Carvalho chegou a publicar um depoimento na internet, só para celebrar o lançamento, sem falar do conteúdo.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Reprodução TV

Gojira, banda de heavy metal, teve o maior aumento

Artistas da abertura dos Jogos de Paris crescem no Spotify

Os artistas que se apresentaram na cerimônia de abertura das Olimpíadas de Paris tiveram um aumento de popularidade no streaming. O Spotify revelou os números do crescimento de três cantores e uma banda na plataforma. Quem mais ganhou tração foi a banda de heavy metal Gojira, que teve um aumento de 129% nas reproduções de suas músicas fora da França, e 282% dentro do

país. O grupo tocou um dos hinos da Revolução Francesa, "Ah Ça Ira", com a cantora Marina Viotti.

Juliette Armanet, que cantou "Imagine", de John Lennon, ao lado da pianista Sofiane Pamart, com um piano de cauda em chamas, também passou a ser mais ouvida. Suas faixas tiveram um crescimento de 129% fora do país que sedia os Jogos Olímpicos.

Crescimento

A cantora Céline Dion, que é canadense, teve um aumento de 64% nas reproduções de sua obra na França, e 36% no exterior. A música que ela cantou, "Hymne à l'Amour", ganhou novos ouvintes - cresceu 285% no país e 317% fora dele.

Desculpas

Já o cantor e ator francês Philippe Katerin, que apareceu seminu na cerimônia de abertura dos Jogos, pediu desculpas aos cristãos que tenham se ofendido com sua performance.

Crescimento II

O Spotify também citou crescimento nas reproduções das músicas da estrela do rap francês, Aya Nakamura, que cresceu 36% dentro de seu país de origem, e 40% no exterior. Ela se apresentou ao lado de um grupo da guarda republicana.

Desculpas II

Numa paródia do quadro "A Última Ceia", de Leonardo da Vinci, ele apareceu pintado de azul como Dionísio, o deus grego do vinho junto com artistas transgênero e drag queens.

Mais uma chance de **desfrutar o talento** de Rita com as palavras

Reprodução Instagram



Roberto de Carvalho tinha os originais do livro em seu computador sem saber. Rita Lee lhe enviava arquivos de texto com os capítulos da obra para que ele os salvasse na nuvem. O músico nunca os leu

A ficção "O Mito do Mito" se afasta do tom coloquial e descontraído das duas autobiografias. O texto é construído pelo diálogo entre Rita e um psicólogo com fama de guru, durante uma consulta num casarão no centro de São Paulo. A conversa avança pela madrugada e o tema principal é a relação entre fãs e ídolos.

A narrativa flui em grandes doses de ironia despejadas por

Rita. Além de bem escrito, o romance traz uma discussão sobre idolatria nunca oferecida na literatura nacional.

Ela fala de seus fãs, contando casos e criando teorias sobre os vários tipos diferentes de adoradores que cruzaram sua estrada. Mas às vezes se coloca, ela mesma, na posição de fã, citando um grupo muito peculiar de nomes pelos quais teve devoção, da cachorra do cinema Lassie à apresentadora Hebe Camargo, passando por

James Dean, Carmen Miranda e David Bowie.

O humor e o tom de fantasia que sempre estiveram em suas criações, desde as letras das canções aos livros infantis protagonizados pelo rato cientista Dr. Alex, estão impregnados em "O Mito do Mito".

A começar pelas circunstâncias envolvendo a ação. Rita aceita encontrar o psicanalista Eric von Kasperhauss na única condição oferecida pelo terapeuta. Ele só atende quem o procura depois que o sol se põe, num velho casarão que resiste à especulação imobiliária no centro de São Paulo. Detalhe - a pessoa precisa entrar sozinha no lugar.

Numa pífia tentativa de ter alguma segurança diante de um sujeito envolto numa aura vampíresca, ela convence a irmã a ir com ela. Rita põe uma escuta em sua roupa, e Vivian pede licença a uma trupe de hippies que mora em barracas próximas ao casarão para ficar ali e escutar a conversa. Nessa disposição dos personagens, a trama leva a um final "surpresa".

Rita usa as perguntas de Kasperhauss e as observações debochadas da irmã para guiar a exposição de suas opiniões sobre a idolatria. Entre relatos carinhosos e inevitáveis deboches diante de situações ridículas, parece haver espaço para todos no coração da mãezona Rita - a ponto de dedicar o apêndice a uma descrição engraçada de tipos diferentes de admiradores.

A grande preocupação da autora em ser questionada a respeito do que é verdade ou não no romance acaba se revelando um medo infundado. É claro que quem viveu próximo a ela reconhecerá a veracidade de episódios que envolvem nomes famosos e irá descobrir de quem ela está falando em passagens que preservam os anonimatos. Mas o foco da obra não é esse.

O que fica do livro "O Mito do Mito", além de horas bem divertidas de leitura, é mais uma chance de aproveitar o imenso talento que Rita Lee tinha com as palavras.

A música que vem de berço

Filhos de Cynara (Quarteto em Cy) e Ruy (MPB4) apresentam o show 'Mano a Mano' no Rival

Quando dizem que música vem de berço não se pode negar. Os irmãos João e Chico Faria, filhos de Ruy e Cynara, ex-integrantes do MPB4 e do Quarteto em Cy, apresentam nesta quarta-feira (31), a partir das 19h30, no Teatro Rival Petrobras o show "Mano a Mano". E recebem, como convidados especiais, Miltoninho (MPB4), Guinga e a dupla Kleiton & Kleidir.

O show é dedicado ao Quarteto em Cy, grupo que fez sua última apresentação no Rio em 2019, no mesmo Teatro Rival Petrobras. Os irmãos transmitem uma energia única ao compartilhar o palco, honrando o legado de seus



Os irmãos João e Chico Faria

Divulgação

pais e inspirando novas gerações.

Chico lembra que era comum que seus pais fossem visitados por vários artistas que iam mostrar suas músicas e muitas vezes eles nem sabiam quem eram. "tem uma história legal que quando o Milton Nascimento veio para o Rio de Janeiro ele ia muito lá em casa, porque adorava o estrogonofe da minha mãe", conta João, que ao decidir aprender violão teve aulas com Célia Vaz, Luis Cláudio Ramos e Bia Paes Leme. "Embora eu não tenha feito faculdade de música, a faculdade veio até mim", brinca o filho mais velho de Cynara e Ruy.

Tempos depois ele adotaria o baixo já que os filhos de outros integrantes do MPB4 o Feijão (de Miltoninho) e Pedro (Aquiles) tocavam bateria e guitarra. Faltava o baixo. Juntos eles tocavam pop rock até tornarem-se os músicos da banda de apoio do MPB4.

Já Chico, o caçula, começou com uma banda de heavy metal, a Anesthesia, que tocava covers de Metallica, Sepultura e outras bandas, e conta que seus pais iam a alguns shows.

O repertório de "Mano a Mano" passa pelos grandes sucessos que marcaram a trajetória de suas famílias, de autores consagrados como Tom Jobim, Chico Buarque, Milton Nascimento e Vinicius de Moraes.

SERVIÇO

JOÃO E CHICO FARIA | MANO A MANO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

Ingressos entre R\$ 40 a R\$ 100

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Mais que 100%

Em meio a uma turnê pela Europa, e sua residência na Casa Brasil a convite da Embratur (espaço diverso e cultural) durante os Jogos Olímpicos em Paris, DJ Mam, artista carioca conhecido por sua fusão de ritmos brasileiros e eletrônicos, anunciou o lançamento de uma nova versão da música "100%13" em parceria com a banda paulistana Bixiga 70. A colaboração surge como uma celebração da diversidade musical e da capacidade de reinvenção, características marcantes de ambos os artistas.

Divulgação



Divulgação



Jornada de fuga

Brasileiro radicado no exterior, Blue Mar reflete a liberdade de ser cidadão do mundo em seu trabalho. Guiado por uma virtuosidade na guitarra que o levou a uma sólida carreira internacional, ele mistura rock alternativo com música brasileira no animado single "Tough Spell", que narra a história de uma pessoa embarcando em uma jornada de fuga, tanto física quanto emocionalmente, e sua busca por liberdade. A faixa ganhou um clipe inspirado pela psicodelia. O lançamento chega em um momento em que o artista prepara o lançamento do novo álbum "Oliveira".

Rosie Matheson/Divulgação



Versões dançantes

Rita Ora lança um EP de remixes de seu novo single "Ask & You Shall Receive". A faixa que foi originalmente co-escrita por Raye, foi reinventada por Zdot, One Track Brain e Jaconda em versões dançantes para pistas. "Essa é uma música pra cima, com clima de verão e que fala sobre aproveitar o momento e as paixões, não tendo medo de se entregar a alguém especial. Foi co-escrita pela incrível Raye e parece um momento de ciclo completo, pois tivemos memórias e momentos lindos quando estávamos na estrada juntas na turnê do 'Phoenix'", celebra Rita.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com um faturamento estimado em US\$ 438 milhões em apenas três dias em cartaz, “Deadpool & Wolverine” periga se tornar o maior sucesso do ano em circuito, desafiando a hegemonia de “Divertida Mente 2”, o atual campeão do ano (com US\$ 1,4 bilhão de receita), apoiado em participações especiais de peso. Uma delas é feita por um ícone das lutas antirracistas sem o qual o império Marvel jamais teria conquistado as telonas: Wesley Snipes. Ele aparece ao lado de Ryan Reynolds e Hugh Jackman retomando a figura do caçador de vampiros Blade. Faz até uma piada com o potencial regresso do personagem com um outro ator: Mahershala Ali.

Pouco ou quase nada se fala sobre a conturbada transposição do super-herói vampírico Blade para a Disney + com Mahershala, ganhador do Oscar de Melhor Coadjuvante em 2017 (por “Moonlight: Sob a Luz do Luar”) e em 2019 (por “Green Book: O Guia”). Uma profusão de problemas de bastidores, incluindo negociações, atrasou o projeto. No entanto, a primeira (e muito bem-sucedida) transposição do vigilante para as telas, com Snipes, comemorou, faz pouco, os 25 anos de seu lançamento em estado de graça.

Hoje, com, o êxito de “Deadpool & Wolverine”, veículos de imprensa especializada tecem loas sobre o longa-metragem de 1998 que ganha, ano após ano, o reconhecimento de ser a pedra fundamental da Marvel nas telas. Sua onipresença na grade da HBO Max ressalta a relevância da franquia levada às telas entre o fim da década e 1990 e 2004. Fora isso, a Panini acaba de despejar nas bancas “Midnight Suns”, no qual o personagem se une ao Wolverine e a mais uma turma de superpoderosos para combater agentes das trevas.

Orçado em US\$ 45 milhões, “Blade: O Caçador de Vampiros” (“Blade”, 1998) é uma adaptação para as telas das aventuras de um personagem de histórias em quadrinhos (HQs) lançado pela editora Marvel Comics na década de 1970, sem jamais ter alcançado, aos olhos do público leitor (apelidado de “marvetes”) a mesma recepção dos vigilantes mais vendidos da empresa, como o Homem-Aranha, o Hulk ou o Capitão América. Contudo, sua transposição para o cinema, dirigida pelo técnico de efeitos visuais (então como pouca experiência como realizador) Stephen Norrington, virou uma coqueluche comercial na venda de ingressos, em todo o



Divulgação

Wesley Snipes volta às telas como Blade no longa em participação

Lâmina afiada

Marco zero do império Marvel nas telas, Blade retorna às telas em participação no sucesso ‘Deadpool & Wolverine’ resgatando a popularidade de Wesley Snipes

planeta, faturando US\$ 131,2 milhões em salas de exibição. Naquela época, o fracasso comercial de “Batman & Robin” (1997), de Joel Schumacher (1939-2020), cassou a validade de qualquer projeto ligado a quadrinhos em Hollywood, decretando o filão como um convite ao fiasco. No entanto, a persistência de um ator mudou o que se anunciava como um paradigma. Wesley Trent Snipes (um norte-americano nascido em Orlando, Flórida, em 31 de julho de 1962) sonhava em levar às telas os gibis (jargão brasileiro para quadrinhos) do Pantera Negra, primeiro justiceiro mascarado negro a ganhar notoriedade no

mercado editorial, em escopo global, a partir de sua criação, por Stan Lee (1922-2018) e Jack Kirby (1917-1994), em julho de 1966. Detentora dos direitos autorais do personagem a Marvel negou o Pantera a Wesley, por acreditar que aquele era um momento da História avesso a versões de tramas ligadas a comics (termo internacional usado para designar narrativas gráficas com balões), o que significaria o desperdício de uma grife tão icônica quanto a do personagem que ele buscava, definido como o Rei de Wakanda (país fictício). A editora ofereceu-lhe, como compensação, a escolha de qualquer outro perso-

nagem negro que quisesse. Diante do apelo que criaturas vampíricas possuíam no imaginário da cultura pop, sobretudo depois de “Drácula de Bram Stoker” (“Dracula”, 1992), Snipes escolheu Blade e investiu o que tinha em sua caracterização. Usou todos recursos que possuía em sua recém-fundada produtora, Amen Ra Films, para levantar o projeto, contando com o suporte da distribuidora (à época de pequeno porte) New Line, que, à mesma época se debruçava sobre a feitura da trilogia “O Senhor dos Anéis” (2001-2003).

Em depoimento ao jornal O Globo, o ator explicou não imaginar o que estava por vir, explicando “quando selei aquele acordo não imaginava que um dia veria alguém da minha cor e não um europeu branco como Schwarzenegger naquele lugar, o que me fez repensar minha vida e o papel político de um filme”.

O que o astro classifica como “papel político” se refere ao fato de ele ter dado ao cinema (que então contabilizava 103 anos de atividade) seu primeiro super-herói negro em condição de protagonismo e com potência para arrastar multidões às salas de projeção.

Seu vilão, Deacon Frost, um vampiro do Mal, vivido pelo ator Stephen Dorff, impressionou a crítica. Complementado por duas continuações, uma de 2002, dirigida por Guillermo Del Toro, e uma de 2004, realizada por David S. Goyer, “Blade: O Caçador de Vampiros” usou de seu espectro inclusivo para permitir que a indústria abrisse veios para explorar as HQs de forma maciça (e massiva), adaptando personagens até então nunca retratados em produtos audiovisuais. O Homem de Ferro, que só havia aparecido em desenhos animados dos anos 1960, foi um deles, e acabou transportado para as telas numa superprodução de 2008 cujo faturamento astronômico (custou US\$ 140 milhões e arrecadou US\$ 585,8 milhões) levou a Marvel a abrir seu próprio estúdio de cinema, hoje anexado à Disney. Mas Snipes não seguiu nos holofotes, pelo menos não nesses, do sucesso. No auge de sua popularidade, desejoso de investir em outras franquias, ele foi acusado de fraudar o imposto de renda e sonegar dados em sua declaração, sendo condenado a três anos de prisão, o que fez sua carreira naufragar. Após a devastação de sua imagem, ele se reergueu com “Atraídos Pelo Crime” (“Brooklyn’s Finest”, 2009), de Antoine Fuqua, voltando a atuar na trupe de Spike Lee (em “Chi-Raq”, de 2015) e emprestando a voz a uma animação Marvel (“Garota da Lua e o Dinossauro Demônio”, 2023). Sua trajetória de sua ascensão, queda e redenção são emblemas de uma engrenagem que mercantiliza subjetividades.

CRÍTICA / FILME / ARAYA

Filme digno de uma realizadora rebelde

Milestone Films

Por Inácio Araújo (Folhapress)

É impossível falar de “Araya”, cuja cópia restaurada integra a programação da 13ª Mostra Ecofalante, sem mencionar, primeiro, sua autora, Margot Benacerraf. Ser mencionada como pioneira do cinema da Venezuela, onde nasceu em 1926, já não seria pouco. Mas às dificuldades conhecidas da atividade na América do Sul, acrescentam-se algumas outras.

A primeira e primordial: Benacerraf era mulher, judia e de família rica. E de uma mulher judia de família rica esperava-se naquele tempo que conseguisse um marido também rico e depois se dedicasse à família.

Margot abriu mão desse destino, tornou-se estudante de filosofia e, em seguida, prosseguiu sua formação nos Estados Unidos e na França. Batalhou para fazer filmes, conseguiu fazer apenas dois. Um dos que não conseguiu fazer foi “Cem Anos de Solidão”. Tinha os direitos do livro de Gabriel García Márquez, mas levou tempo demais buscando levantar a produção, e o escritor colombiano não renovou os direitos.

Conseguiu, em troca, criar a Cinemateca Nacional de Venezuela, em 1966, que em seguida dirigiu por três anos, e ter seus dois filmes - além de “Araya”, o curta “Reverón”, de 1952, sobre o escultor venezuelano Armando Reverón - citados pelos dois mais importantes historiadores franceses do cinema da era clássica, Georges Sadoul e Jean Mitry.

“Araya”, seu filme de 1959, participou do Festival de Cannes no mesmo ano em que a Palma



O documentário ‘Araya’ registra a exploração do sal na Venezuela e impressiona pela beleza do registro

de Ouro foi para “Orfeu do Carnaval”, de Marcel Camus. Embora esquecível, o filme de Camus era marcante pela música - Tom Jobim, Luiz Bonfá, Vinicius de Moraes - e por trazer dois atores negros - Breno Mello e Marpessa Dawn - como protagonistas. Sua vitória tinha a ver com um crescente interesse na Europa pela América Latina.

E “Araya” vinha, nesse sentido, a calhar. O documentário, que Benacerraf rodou sem nem mesmo poder ver as imagens - a revelação foi feita na França apenas depois de ter sido rodado -, impressiona, antes de mais nada, pela beleza “mexicana”: aquele preto e branco que aproveita magnificamente de contrastes de luz e sombra.

A beleza produzida chama a

atenção, mas não qualifica Benacerraf como uma esteta. Bem longe disso: trata-se de narrar o rico veio de sal de Araya, na Venezuela. Tão rico que, no passado, obrigou o reino de Espanha a construir uma fortaleza para defendê-la de piratas, traficantes de escravos, mercadores de pérolas, ou seja, invasores em geral.

Na abertura, a terra seca, desértica, onde nada foi produzido, como bem explica a narração - como o roteiro, concebida por Margot em parceria com o poeta e editor francês Pierre Seghers. O momento seguinte dedica-se aos trabalhadores. Às longas filas de carregadores que, não é modo de dizer, trabalham de sol a sol. E da infância à velhice, com seus corpos carcomidos pelo sal, o que não

raro os impede de trabalhar.

Todos os instrumentos estão lá: as pás, os carrinhos, os cestos, que ao longo do dia produzem pequenas pirâmides brancas. O documentário detém-se em detalhes do transporte até o porto e de lá para o mundo exterior, mas também observa as casas paupérrimas em que se vive e, com idêntica paixão, a pesca, que garante a sobrevivência dos trabalhadores do sal, mas também o carro-pipa que lhes traz água.

Trata-se, já se vê, de um documentário de caráter humanista, com evidentes preocupações sociais. Não possui a desenvoltura política ou estética que caracterizaria, alguns anos depois, o cinema novo brasileiro. Em troca, é importante observar que tudo, ali,

vem da imagem: nenhum apelo sentimental é lançado.

Benacerraf não é dessas que chora junto com seu objeto. Sabia que o melhor é mostrá-lo: basta olhar para ver a que tipo de vida são condenados os homens e mulheres de Araya.

É um filme a reter, seja pela descrição precisa de um modo de vida (e morte) terrível, seja por, apesar disso, buscar nela a beleza não só das paisagens como das pessoas.

Filme digno de uma pioneira, de uma rebelde também, que precisa ser reconhecida como uma força notável do cinema não só de seu país como da América Latina. Margot nasceu em Caracas e morreu na mesma cidade em 24 de maio deste ano, aos 97 anos.

A atemporalidade de um clássico

Livre adaptação da tragédia de Strindberg, 'Senhorita Julia' reacende o debate sobre gênero e classe na sociedade atual

Depois do sucesso da primeira temporada, "Senhorita Julia entre dois mundos" volta para o terraço da Sede Cia dos Atores. Desta vez, o espetáculo-festa terá sessões às sextas e sábados, esquentando as noites de inverno da Lapa. A peça, que recebeu inúmeras montagens ao redor do mundo, foi escrita em 1888 pelo sueco August Strindberg e conta a história de um romance impossível entre a filha de um conde e um criado. No Brasil de 2024, o diretor Henrique Manoel Pinho provoca a temporalidade do texto, afim de revelar o que mudou com o passar das épocas e o que permanece intacto.

Uma experiência imersiva é a proposta deste espetáculo: levando em conta que a história se passa em uma noite de comemoração na casa de Julia, o evento começa antes do primeiro sinal. Com trinta minutos de antecedência de cada apresentação, o bar da casa estará aberto e os atores estarão prontos para receber o público, convidado de honra desta festa.

"O espetáculo explora essa linguagem imergindo o público na história, dando a ele a possibilidade de se relacionar com as personagens, mas sem fazer disso um teatro interativo. É uma experiência de pertencimento, uma possibilidade de cruzamento das fronteiras da realidade, um buraquinho numa fechadura para dentro da vida dessas pessoas e seus conflitos, pessoas vivas. Tudo isso com samba, bebida e churrasco para quem quiser aproveitar", comenta Estevão Balado, ator que interpreta Jean na peça.

O projeto foi idealizado há pouco mais de um ano, quando também surgia o coletivo Ação em Cena, criado a partir de uma oficina ministrada pelo diretor Henrique Manoel Pinho para alunos do técnico da CAL - Casa de Artes de Laranjeiras - e artistas convidados. Este foi o espetáculo de estreia do grupo, que busca subverter as estruturas



Divulgação

A ação desta montagem de 'Senhorita Julia' se dá durante uma comemoração na casa da personagem-título e o público tem uma experiência imersiva durante o espetáculo

sociais em seu trabalho. A convite de Henrique, três atores foram desafiados a encarnar Julia, Jean e Cristina, personagens deste triângulo amoroso atravessado por uma época de repressões, preconceitos e violências.

Para o grupo, revisitar os clássicos é uma possibilidade de reconhecer o que há de intrínseco da natureza humana: "Tudo aquilo que atravessa o tempo e permanece em nós, mesmo que a cultura já seja completamente

outra. Ou, como vemos nesse texto, nem tão completamente outra assim. Falar de amor, de ausência, de afeto e de rejeição e sobre como cada pessoa lida com tudo isso, dentro da sua condição sociocultural, é e sempre será essencial.", afirma Estevão Balado. No elenco também estão Rebeca Souza (Julia) e Renata Zuma (Cristina).

Além de diretor, Henrique Manoel Pinho também é ator integrante da Cia Comparsaria

Teatral, preparador de elenco e professor da CAL. Recentemente Henrique preparou o elenco de Dona Beja para a HBO e a terceira temporada de Arcanjo Renegado, na Globoplay. Em função da rotina agitada, recebeu assistência de duas codiretoras para "Senhorita Julia": Luisa Rumchinsky, estudante de direção teatral na Unirio e Andressa Fernandes, psicanalista. A segunda temporada da peça estreia nesta sexta (2).

SERVIÇO

SENHORITA JULIA

Sede Cia dos Atores (Rua Manuel Carneiro, 12 - Lapa)
De 2 a 31/08, sextas e sábados (21h)*

*Horário de abertura da casa, com churrasquinho rolando por volta das 21h20. Espetáculo começa por volta das 22h

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Por **João Gabriel de Lima**
(Folhapress)

A máxima quanto mais velho melhor não se aplica a todos os vinhos - muitos deles se transformam em vinagre com a ação do tempo. Ela costuma ser verdadeira, no entanto, para os vinhos do Porto. Em 2022, foi criada em Portugal uma nova categoria para a bebida: a VVO, ou “Very Very Old” (muito muito antigo). O movimento desencadeou uma verdadeira caçada à barrica perdida.

Produtores de vinho do Porto começaram a visitar fazendas antigas na região do Douro em busca dessas raridades: vinhos com mais de 80 anos de idade. Quem está na área há várias gerações leva óbvia vantagem. Foi o que aconteceu com os Van Zellers, família de origem holandesa que produz Portos desde 1620. Recentemente, colocaram no mercado uma caixa com um trio de garrafas especiais, a The Rare Port Collection, que reúne um trio de vinho do Porto que descansava em barricas desde o século 19.

Francisca Van Zeller, uma das donas da empresa, não revela onde encontrou o vinho. “Foi numa antiga fazenda de uma família que conhecemos há várias gerações. Provamos o vinho e vimos que havia algo de muito valor ali.”

É possível saber exatamente a idade dos três vinhos da The Rare Port Collection? “Não dá para determinar com precisão, pois não há um cadastro. Mas conseguimos saber a idade aproximada por relatos familiares e batizamos cada uma das garrafas com base na época de produção.”

A primeira garrafa foi chamada de Liberty por ser da década de 1860, quando Abraham Lincoln (1809-1865) era presidente dos Estados Unidos. A segunda foi batizada como Family, por ser dos anos 1870, época do casamento dos trisavós da geração que atualmente gere a Van Zeller. A terceira se chama Poetry, por ser da década de 1880 -quando nasceu o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935).



A região do Douro é uma das mais antigas denominações de origem da Europa. Há mais de cinco séculos se produzem ali vinhos fortificados de enorme prestígio

A história engarrafada

Conheça a edição limitada de vinhos do Porto do século 19 que custa mais de R\$ 100 mil a garrafa

“O Porto, principalmente o do tipo Tawny, é um vinho feito para envelhecer”, diz Patrícia Jota, que tem pós-graduação em enologia na Universidade Católica do Porto. “A iniciativa da Van Zellers & Co é interessante porque contraria uma tendência imediatista que vinha dominando o mundo do vinho.”

A bebida que se sorve nas três garrafas da The Rare Port Collection é mesmo o para ser apreciada aos poucos. Quase não se percebe o sabor adstringente dos taninos e



A família Van Zeller, de origem holandesa, é uma das mais tradicionais produtoras de vinho no Douro

a doçura típica dos vinhos do Porto traz em alguns momentos um sabor de mel. A cor se distancia do vermelho dos Portos jovens (do tipo Ruby) adquirindo a tonalidade mais escura, típica dos Tawnys.

Delimitada pelo Marquês de Pombal no século 18, a região do

Douro é uma das mais antigas denominações de origem da Europa. Há mais de cinco séculos se produzem ali vinhos fortificados, criados com um olho no mercado britânico -os ingleses queriam uma bebida mais forte e que resistisse a longas viagens de barco.

Em sua produção, o Porto é caracterizado por receber aguardente vínica no início da fermentação por volta de 4% de teor alcoólico, explica Thiago Mendes, fundador da escola Eno Cultura, em São Paulo. Esse processo confere ao Porto um teor alcoólico superior e doçura, proveniente do açúcar residual da uva não fermentada.

O Porto Ruby, que inclui versões como simples como o Ruby e o Reserva, devem ser consumidos mais jovens, com perfil de sabor frutado. Já os Tawny são envelhecidos em pipas (tonéis de madeira de 28 a 50 mil litros), que dão cor acastanhada ao vinho, além de notas de fruta seca e caramelo. Podem ser simples como o Tawny e o Tawny Reserva ou super complexos com indicação de idade. Os nomeados como Tawny 10, 20, 30 a 40 anos são feitos com vinhos de diferentes safras, até que o estilo e a complexidade seja atingida, e têm mais complexidade de sabores, continua Mendes.

Mais recentemente ainda, cerca de 2018, a região do Douro se notabilizou por produzir vinhos sustentáveis. A partir de Vila Nova de Gaia, cidade vizinha ao Porto, criou-se uma rede mundial para discutir boas práticas na produção de vinho, do ponto de vista da mudança climática chamada The Porto Protocol.

“Nesse mundo veloz, de tecnologia de ponta e redes sociais, as pessoas começam a valorizar momentos mais calmos. O vinho do Porto, que costuma ser bebido devagar depois das refeições, acaba por ser o pretexto ideal para desfrutar um tempo com amigos”, diz Francisca Van Zeller.

Uma garrafa de vinho do Porto de edição especial pode custar - 2.000 euros (cerca de R\$ 12.200). Já os da categoria VVO ultrapassam o valor com facilidade. As três garrafas da The Rare Port Collection saem por - 22 mil euros (R\$ 134,4 mil). O conjunto inclui garrafas sopradas à mão, um decantador de cristal e gargantilhas de prata com o nome de cada vinho. A edição é limitada a 75 caixas e pode ser encomendada no Brasil por meio do site vanzellersandco.com.

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

O Palácio Tiradentes, sede histórica da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, recebe a exposição Arte Tribal Africana com peças do acervo do África-Brasil do Museu Intercontinental (São Mateus/ES), do escritor e colecionador Maciel de Aguiar, que ficará em cartaz até o dia 9.

A mostra conta com cerca de cem obras raras, criadas por civilizações do continente africano entre os séculos XVII e XX. A exposição propõe uma imersão nesta milenar cultura, que influencia o Brasil e o mundo com peças criadas entre os séculos XVII e o XX.

As obras que compõem a mostra constituem uma pequena parte das quase 5 mil mil peças do acervo do ÁfricaBrasil Museu Intercontinental. Colecionadas há 35 anos pelo escritor e também curador da mostra, o capixaba Maciel de Aguiar, estas máscaras e totens representativos da milenar cultura e civilização africana compõem um mosaico representativo da história deste continente que influenciou e influencia toda a civilização humana.

A exposição apresenta a arte tribal e sua importância na concepção da arte moderna no mundo, notadamente no movimento Dadá. Artistas reconhecidos mundialmente, como Picasso e Modigliani, reconheceram e valorizaram a grandeza e a riqueza da cultura deste povo único. Nas terras africanas, durante séculos, a arte tribal teve um papel importante na identificação das etnias e de suas regiões, caracterizando-se como um legado de grande importância cultural.

A exposição representa o reconhecimento do Brasil para com a mãe África e também facilita uma melhor compreensão da contribuição do povo negro para a constituição da civilização brasileira. Foi produzida uma grande variedade de estilos e concepções



As obras que compõem a mostra constituem uma pequena parte das quase 5 mil peças do acervo do ÁfricaBrasil Museu Intercontinental, colecionadas há 35 anos pelo capixaba Maciel de Aguiar

Imersão em uma cultura milenar

Exposição reúne no Palácio Tiradentes 100 peças de uma das maiores coleções de arte tribal africana do Brasil



que remontam aos primórdios da História da humanidade.

“É de grande representatividade inaugurar essa mostra na Alerj, a Casa do Povo. As peças raras que compõem este acervo contam parte da história do continente africano, reconhecendo

sua importância, riqueza cultural e contribuição para a constituição da civilização brasileira”, comenta o presidente da Alerj, deputado Rodrigo Bacellar.

Os visitantes que forem ao Palácio Tiradentes também poderão conhecer a exposição

“Africanidades”, que ocupa os corredores do terceiro andar do edifício. A mostra fotográfica é fruto do projeto de educação antirracista realizado desde 2003 no CIEP 201 Aarão Steinbruch, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

SERVIÇO

ARTE TRIBAL AFRICANA
Palácio Tiradentes (Rua Primeiro de Março s/nº - Praça XV)
Até 9/8, das 10h às 17h
Entrada franca
Entrada gratuita